

A GÊNESE DOS ESPAÇOS LIVRES EM CIDADES MÉDIAS: O CASO DE UBERLÂNDIA-MG ¹

Glauco de Paula Cocozza²

Maria Eliza Alves Guerra³

DOI: 10.5752/P2316-1752.2020v27n41p59

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar a gênese dos espaços livres da cidade de Uberlândia. Toda cidade apresenta um sistema de espaços livres compostos por diferentes tipologias, e que sua formação se dá de modo temporal em conjunto com o desenvolvimento e transformação dos espaços urbanos. Esses movimentos temporais são denominados períodos morfológicos, e definem suas características espaciais e sua configuração. A pesquisa revelou os períodos morfológicos que contribuíram para a estruturação do atual sistema, assim como a gênese de cada momento evolutivo.

Palavras-chave: Morfogênese. Espaços livres. Cidades médias.

1. Esse artigo é parte dos resultados de uma pesquisa desenvolvida no edital Demanda Universal de 2015, realizado no Núcleo de Estudos Urbanos da Universidade Federal de Uberlândia

2. Arquiteto e Urbanista pela Universidade Mackenzie. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP. Professor Associado, PPGAU-FAUeD-UFU, Brasil, glauco_cocozza@yahoo.com.br

3. Arquiteta e Urbanista pela Faculdade Silva e Souza, RJ. Doutora em Geografia pela UFU. Professora Associada, PPGAU-FAUeD – UFU, Brasil, meliza.guerra@ufu.br

OPEN SPACES GENESIS IN THE MEDIUM-SIZED CITIES: THE CASE OF UBERLÂNDIA-MG

Abstract

This work aims to present Uberlândia's genesis of its open spaces. Every city has an open spaces system composed of different typologies, and that their formation occurs in a temporal way together with the development and transformation of urban spaces, and these temporal movements are called morphological periods, and define their spatial characteristics and their configuration. The research revealed the morphological periods that contributed to the structure of the current system, as well as the genesis of each evolutionary moment.

Keywords: Morphogenesis. Open spaces. Medium sized-cities.

LA GÉNESIS DE LOS ESPACIOS LIBRES EN CIUDADES MEDIANAS: EL CASO DE UBERLÂNDIA-MG

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo presentar la génesis de sus espacios libres en la ciudad de Uberlândia. Cada ciudad tiene un sistema de espacios libres compuesto por diferentes tipologías, y que su formación ocurre de manera temporal junto con el desarrollo y transformación de los espacios urbanos, y estos movimientos temporales se denominan períodos morfológicos, y definen sus características espaciales y sus configuración. La investigación reveló los períodos morfológicos que contribuyeron a la estructura del sistema actual, así como la génesis de cada momento evolutivo.

Palabras-claves: Morfogênese. Espacios libres. Ciudades medianas.

Introdução

Os espaços livres estão nas gêneses das cidades. Toda cidade, independente de sua localização, porte e período de fundação, apresenta edificações e espaços livres que definem um complexo sistema, e constituem diferentes espacialidades, cada qual seguindo modelos próprios. Magnoli (2006), cunhou o termo espaço livre para definir os espaços livres de edificação. Estes ocorrem de diferentes formas dentro de uma estrutura urbana, criando um mosaico diverso e complexo, com diferentes características, tamanhos e funções dentro de um sistema urbano. Por definição (MACEDO, 1995), os espaços livres abrigam todas as demais categorias conceituais que comumente tentam identificar esses espaços, tais como áreas verdes, espaços verdes, espaços abertos, áreas de recreação e lazer, geralmente utilizados por órgãos municipais e assim descritos na legislação urbana. Todas essas terminologias estão contidas dentro dos espaços livres, formando um grande sistema e costurando uma rede que se transforma e se molda com o crescimento das cidades.

O artigo tem como principal objetivo compreender como a transformação urbana estruturou diferentes tipologias de espaços livres (EL) de Uberlândia. Parte-se da premissa que reconhecer a gênese morfológica permite identificar como os espaços livres se estruturaram, e possibilita

que estes sejam melhor compreendidos e planejados. O estudo da gênese se torna um método para poder compreender como se formaram, como se transformaram e como se constituíram a forma física das cidades brasileiras, baseando-se em aspectos histórico-geográficos como ferramenta para os estudos morfológicos.

O termo gênese (KRAFTA, 2014) pode ser entendido pelo conjunto de fatos ou elementos que contribuíram para produzir uma forma e, para esse trabalho, o termo será adotado dentro de uma perspectiva evolutiva para compreender como os espaços livres foram pensados em diferentes momentos da história de Uberlândia, ao resgatar essa memória urbana e criar uma linha evolutiva desses espaços. Segundo Bandeira (2003), a recuperação da memória de uma cidade implica, também, um trabalho multidisciplinar que abarca várias perspectivas, diversos caminhos e sensibilidades, e compreende uma busca necessariamente contínua e sempre inacabada.

A morfogênese é o estudo da gênese aplicado aos estudos morfológicos das cidades (KRAFTA, 2014). A morfologia urbana é uma ciência, ou pseudociência como afirma Marshall (2012) por não ter a mesma base científica que outras ciências, e estuda a forma física das cidades através de múltiplos olhares, com diferentes objetivos e metodologias, atentos aos elementos que constituem os espaços urbanos.

O estudo da morfogênese urbana além de permitir sustentar o planejamento e o desenvolvimento de estratégias, democratiza também a ciência, porque rompe os campos disciplinares estanques, plasma o conhecimento científico como senso comum. (BANDEIRA, 2003, p. 152)

Para Conzen (*apud* COSTA e NETTO, 2015), a morfogênese é o estudo do processo morfológico da paisagem urbana existente em movimento, e sustentado pelas exigências funcionais e ambientais das sociedades urbanas locais e por indivíduos ao longo do tempo. Os princípios da morfogênese analisam obrigatoriamente a forma urbana como processo e não como fim, e assim entende, como afirma Krafta (2014), as distintas sucessões genéticas que estruturam o espaço urbano e formam o mosaico espacial urbano.

63

Na morfogênese, o fio condutor da descrição e análise morfológica é justamente o tempo decorrido. Uma análise morfogenética envolve a combinação de exame de manifestações espaciais e de documentação que permitam, juntos, estabelecer uma cronologia morfológica.... Genericamente, uma análise morfogenética expõe uma sucessão de áreas genéticas, quais sejam as unidades de área adicionadas à cidade a cada fase de seu desenvolvimento. Cada unidade genética pode ser descrita por seus atributos originais. (KRAFTA, 2014, p. 64)

Na linha de pensamento de Krafta, a identificação das porções territoriais, que foram adicionadas a cada fase do desenvolvimento, possibilita estabelecer uma linha evolutiva e como os espaços livres foram propostos e im-

plantados. Porções territoriais urbanas que apresentam similaridade de elementos morfológicos (LAMAS, 1993) podem ser identificadas como unidades (AMORIM, 2015), e permitem expressar a gênese de cada etapa de desenvolvimento urbano, principalmente quando analisadas pelos seus distintos atributos físicos: construídos e não construídos, e documentados segundo as características morfológicas que as definem. Os elementos morfológicos (LAMAS, 1993, KROPF, 2009) são os atributos que dividem o espaço urbano em partes para analisar suas características separadamente. Essa divisão permite analisar as características morfológicas e relacioná-los com os seus períodos de formação e transformação, ao identificar distintas gêneses através desses atributos morfológicos definidores de cada padrão morfológico.

O principal método de análise foi o levantamento histórico-geográfico da cidade de Uberlândia e sua compatibilização com os períodos de evolução da malha urbana, para assim, reconstituir a sequência de transformação dos espaços livres. Os períodos evolutivos compreendem um espaço de tempo definido por algum processo de transformação, na qual incide diretamente nos modelos de urbanização. O procedimento metodológico utilizado foi a identificação dos padrões morfológicos (COSTA e NETTO, 2016), conceito no qual caracteriza os modelos de urbanização pela similitude dos elementos morfológicos: rua, quadra, lote, edifício e espaços livres, em uma

perspectiva temporal e evolutiva.

Padrões morfológicos de um território em transformação

A diversidade urbana brasileira, fruto do processo de ocupação do território continental, se caracteriza por apresentar diferentes gêneses para suas distintas e inúmeras regiões. Essa urbanização é resultado de muitas heranças, muitas incorporações de modelos urbanos ao longo do tempo, e formas de adaptar-se ao sítio e contextos locais. Esse processo definiu as etapas de urbanização e a paisagem das nossas cidades, que se inicia no Brasil colônia, principalmente no litoral, até se estabelecer nas últimas décadas no interior do país, seguindo modelos distintos, ao produzir espaços com padrões urbanos importados, e de sabedorias empíricas e técnicas locais que definem nossa riqueza cultural (SANTOS, 1993, DEÁK e SCHIFFER, 1999). Mesmo com toda essa diversidade, pode-se agrupar cidades que apresentam características semelhantes. Os espaços livres acompanharam essa evolução, e para a sua compreensão partiu-se da premissa que sua configuração atual é resultado dos diferentes processos de produção do espaço urbano, moldada e estruturada por um diversificado e complexo mosaico.

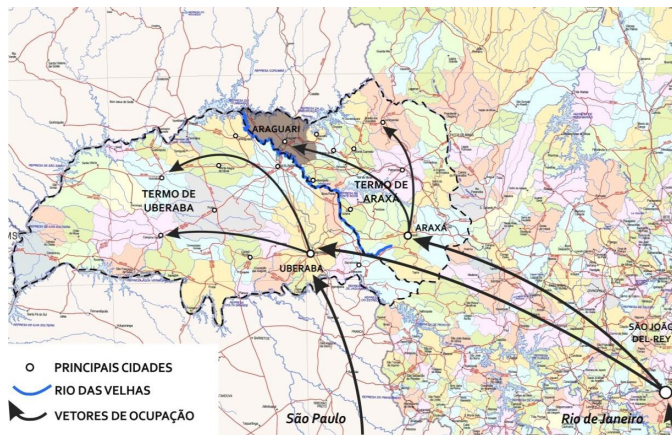


Figura 1 | Evolução da rede urbana da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

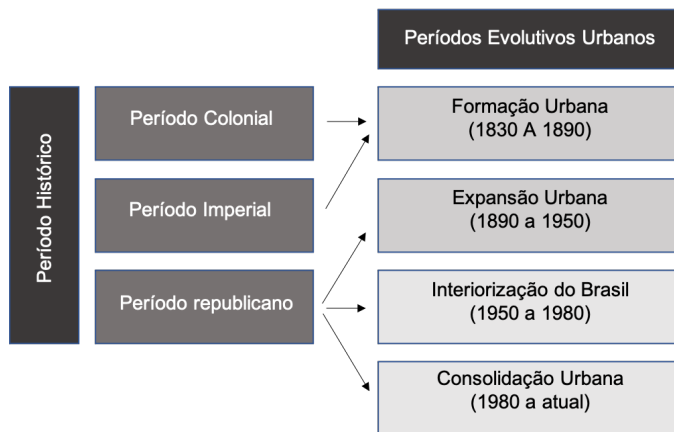
Fonte: autores, 2019.

O objeto de estudo é a cidade de Uberlândia, principal cidade da mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. De acordo com os conceitos de cidade média (SPÓSITO, 2009) a cidade caminha para se tornar uma cidade de grande porte, atingindo setecentos mil habitantes em 2021, segundo o IBGE (2021), e se consolida como uma centralidade regional. A cidade apresentou os mesmos processos das principais cidades da mesorregião: Uberaba, Araguari e Ituiutaba, Araxá e Patos de Minas, e essas características históricas permitem compreender sua transformação através de uma gênese compartilhada com as demais cidades (VALE, 2016). Essa é resultado da ocupação da região, iniciando como uma longínqua área

de passagem para o interior do Brasil, passando a pontos de parada para tropeiros em busca de riquezas, até à consolidação como polo agrícola, de serviços e logístico, tornando-se uma das principais forças econômicas do estado de Minas Gerais. A figura 1 representa a relação da mesorregião com as principais cidades brasileiras, assim como os eixos de desenvolvimento, estruturadas pelas redes de comunicação, primeiramente pelos caminhos, depois pelas ferrovias e posteriormente pelas rodovias.

A revisão dos períodos de transformação indicou três principais momentos históricos (comum a muitas cidades brasileiras) e resultaram em quatro períodos evolutivos urbanos: formação urbana, expansão urbana, interiorização do Brasil e consolidação urbana. Nessa perspectiva histórica, pode-se analisar os princípios urbanos das antigas vilas até as cidades atuais na região analisada (Figura 2). Os períodos históricos correspondem às fases administrativas do Brasil. O período colonial corresponde a formação de alguns núcleos, principalmente como ponto de apoio às expedições para o interior do Brasil. O período imperial também propiciou a formação de alguns núcleos urbanos, ainda como ponto de apoio às tropas mas, também, apoio à agricultura que começava a crescer. O período republicano coincide com o período de expansão dos meios de comunicação, e portanto, de expansão urbana. Com a criação de Brasília, a região passa a ser novamente um ponto de apoio e logística, que se consolida nos anos

oitenta até a atualidade.



68

Figura 2 | Períodos de transformação urbana das cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Fonte: autores, 2017.

Se os processos econômicos foram determinantes para o desenvolvimento e ocupação territorial, em termos da evolução urbana, Uberlândia apresentou uma gênese comum às cidades da região, na qual a constituição urbana era definida por um pequeno núcleo a meia encosta de uma colina, onde o adro religioso, situado em frente à igreja católica (VALE, 2016), era o marco de formação do espaço urbano. Essa igreja era geralmente disposta perpendicularmente a um curso d'água, cercada por um arruamento definido por algumas construções no seu entorno.

A trama urbana seguia uma organização simples, um pouco irregular, porém estratégica, centrada em pequenos espaços abertos, com funções específicas dentro da estrutura do pequeno arraial (VALE, 2016). O desenho inicial da cidade de Uberlândia, denominada na época (1888) como São Pedro de Uberabinha, seguiu os modelos de ocupação da região conhecida como Sertão da Farinha Podre, atual Triângulo Mineiro. Essa primeira etapa evolutiva, da formação urbana, se manteve desde a fundação da cidade até o início do período republicano. O espaço urbano pouco se alterou e seu desenho original permaneceu com alguns melhoramentos feitos, seguindo alguns códigos de postura.

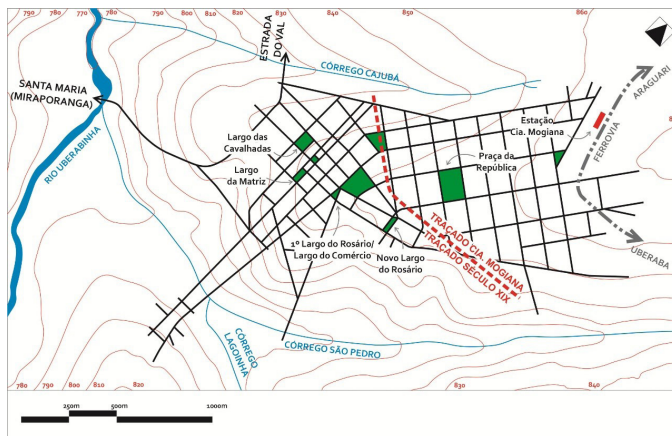


Figura 3 | Trama urbana de Uberlândia em 1920 ressaltando os espaços livres e a área de expansão urbana realizada pelo Eng. Amado.

Fonte: adaptação dos autores segundo mapas da Prefeitura Municipal de Uberlândia, 2017.

O segundo período evolutivo urbano começou no final do século XIX e foi até a metade do século XX, quando o crescimento econômico, e a conexão com as regiões que escoavam a produção através das linhas férreas, alteraram a sua paisagem. Uberlândia, assim como outras cidades, teve um plano de ampliação urbana elaborado pelo engenheiro Mellor Ferreira Amado em 1908, e definiu o crescimento da cidade para uma parte mais alta e plana a partir do núcleo existente, com um traçado ortogonal e racional adaptado à topografia, com 40 quadras, diversas ruas transversais e seis avenidas, das quais, cinco iniciavam em praças e terminavam na referida estação, na qual a linha férrea definia o limite da cidade a leste (Figura 3).

70

Os espaços livres, antes originados a partir de aberturas no traçado urbano e com uma clara função utilitária, no período de expansão tornaram-se espaços para refletir o desenvolvimento urbano e econômico da cidade. Novas praças, com a requalificação das praças do primeiro núcleo urbano, criaram um conjunto espacial idealizado como um sistema, e entre elas, a Praça da República, atual Praça Tubal Vilela (Figura 4), se torna o espaço mais significativo desta época e a principal referência espacial do centro da cidade. As praças nesse período apresentavam um forte caráter contemplativo e social, ao simbolizar nos seus jardins e nos desenhos clássicos aspectos qualitativos, reflexos de uma evolução urbana programada.



Figura 4 | Diferentes momentos da praça Tubal Vilela, com desenho romântico, antes da intervenção moderna do arquiteto João Jorge Khoury.

Fonte: Arquivo Público da PMU, 2018.

O terceiro período começa na década de cinquenta e se estende até os anos oitenta, marcado pelo grande crescimento econômico e social da região, impulsionado pela construção de Brasília. Esse fato gerou um grande dinamismo econômico no comércio e na indústria regional, ao fomentar várias atividades de apoio à sua construção, como fornecimento de mão-de-obra, fabricação e distribuição de materiais de construção e alimentos. Uberlândia passou a receber investimentos federais em várias áreas, incluindo comunicações: telefonia/energia elétrica e transportes com a expansão de redes rodoviárias para servir de ligação entre a região sul/sudeste e centro-oeste/norte. A década de setenta fortaleceu o setor agroindustrial com a modernização da agricultura e a incorporação tecnológica produtiva do cerrado, fruto das políticas de interiorização e políticas desenvolvimentistas do período.

Por fim, o quarto período evolutivo urbano ocorre no início dos anos oitenta, após políticas dos anos setenta para

descentralizar a ocupação urbana no Brasil. Uberlândia foi uma das principais cidades beneficiadas com essa política, com um rápido crescimento industrial e logístico, transformando-a em uma potência econômica do estado, ao consolidar o seu papel como principal cidade média do interior mineiro. A então cidade compacta, restrita ao centro e a regiões pericentrais, se expande vertiginosamente para áreas mais periféricas ao criar novos loteamentos desconectados da mancha urbana consolidada, além de novos eixos de expansão e uma nova identidade urbana, marcada pela segregação e ocupação desenfreada do território.

Os espaços livres e a gênese urbana

Os espaços livres das cidades de Uberlândia foram analisados para a compreensão dos processos de transformação da malha urbana, relacionando-os com as práticas urbanísticas de cada período, com a legislação vigente e com os períodos econômicos, para assim verificar a sua gênese de formação e caracterização no sistema de espaços livres urbanos de Uberlândia.

O período da formação urbana de Uberlândia se caracterizou por praças de tamanhos reduzidos, associadas aos espaços edificados no seu entorno, com pouca intervenção projetual em um primeiro momento. Esses espaços foram os que mais sofreram transformações ao

longo dos anos, com projetos ecléticos típicos do início do século XX e modernos, principalmente do principal arquiteto modernista da cidade, João Jorge Coury. Com a expansão urbana, as praças passaram a ser elementos do projeto de ampliação, dispostas estrategicamente em locais de relevância para os novos loteamentos. Esses espaços passaram a dispor de novos equipamentos de estar e contemplação, visando o bem-estar dos moradores do seu entorno.

No período de interiorização do Brasil os espaços livres apresentavam referências de outros lugares, introduzindo na cidade espaços mais voltados ao lazer, esporte e com novas materialidades, imprimindo uma imagem de modernidade à então pacata cidade do cerrado. A interiorização trouxe um fluxo migratório cuja necessidade de novas moradias resultou em novos bairros para distintas classes sociais, avançando a trama urbana para novas áreas, porém agora com novos modelos de quadra, mais retangulares e definindo um traçado mais adaptado ao relevo. O principal parque da cidade, o Sabiá, foi implantado como parte de uma estratégia de trazer visibilidade e apresentar-se como resultado desse crescimento urbano.

No último período, da consolidação urbana, iniciou-se a valorização dos recursos ambientais como forma de promover qualidade ambiental urbana. Novos parques lineares em áreas periféricas somam-se a novas praças defini-

das pelos novos loteamentos, com uma nova roupagem mais contemporânea em diferentes aspectos. As praças tornam-se alvos de estratégias mercadológicas para vender a imagem de qualidade, e em muitos loteamentos, ganham importância central na articulação do traçado urbano (Figura 5).

74



Figura 5 | Sequencia de imagens dos padrões morfológicos e as características dos espaços livres. A figura 1 é o bairro de fundação da cidade, na qual o espaço livre articula as quadras no entorno. A figura 2 representa as zonas periurbanas, onde a praça se coloca com um espaço destinado a ser a centralidade do bairro. A Figura 3 representa a praça como um novo espaço de lazer e convívio dos moradores do bairro. A figura 4 representa a praça dentro do pensamento contemporâneo da cidade, com o foco na imagem da qualidade do bairro.

Fonte: adaptação dos autores em imagens do google earth, 2021

O Quadro 1 apresenta a síntese da relação entre morfogênese e espaços livres, enfatizando os padrões morfológicos e as principais categorias. A análise identificou os padrões espaciais comuns para cada período morfológico, e que há uma alteração do centro para a periferia, constituindo um mosaico diversificado em relação aos espaços livres. Se nas áreas centrais as praças predominam, as áreas de preservação permanente estruturam a paisagem das bordas das cidades, somados a muitos espaços destinados como potenciais áreas verdes. Essa grande quantidade de áreas de preservação potencializa a criação de um sistema de parques que transforma a paisagem e a vida cotidiana em regiões desprovidas de equipamentos de lazer e recreação.

Período Evolutivo Urbano	Formação Urbana	Expansão Urbana	Interiorização do Brasil	Consolidação Urbana
Padrões Morfológicos Unidades de Paisagem	Centro comercial e de serviços. Geralmente com traçado ortogonal irregular. Maior grau de verticalização. Adensada e com diferentes tipologias arquitetônicas.	Formada pela área pericentral. Uso misto. Em alguns casos há verticalização. Grade ortogonal regular. Médio adensamento e com diferentes tipologias arquitetônicas.	Áreas de predominância residencial com algumas novas centralidades. Padrões diversificados de parcelamento urbano. Bairros jardins, grande presença de áreas verdes. Padrão horizontal (exceto Uberlândia) e uma maior homogeneidade arquitetônica. Áreas com alto grau de consolidação	Loteamentos periféricos. Malha ortogonal retangular. Padrão horizontal e conjuntos habitacionais HHS. Loteamentos fechados Homogeneidade arquitetônica. Áreas em consolidação, grandes vazios urbanos
Categorias de Espaços Livres Intraurbanos	Presença de várias praças de pequeno porte, geralmente praças históricas. Ruas mais estreitas e pouca arborização urbana	Presença de praças planejadas junto ao espaço urbano ortogonal. Ruas e calçadas mais largas e com arborização. Presença de avenidas largas em algumas cidades e lagoas urbanizadas em outras.	Nessas áreas uma mistura de praças, canteiros viários e rotatórias moldam várias espacialidades das cidades. Em função do aumento da importância do sistema viário, ele começa a se tornar um novo protagonista. Algumas espaços livres ligados a infraestrutura surgem no tecido urbano	Áreas de caráter ambiental prevalecem, principalmente nas APPs urbanas. Misto de praças sem intervenção projetual e outras com intervenções de caráter mais contemporâneos, principalmente ligados a caráter social. Meio rural presente em algumas áreas.
Unidade de Paisagem				
Espaços Livres				

Quadro 1 | Períodos evolutivos e a gênese urbana das unidades de paisagem.
Fonte: autores, 2017.



Figura 6 | Parque linear do óleo em Uberlândia. Típico parque que aproveita o potencial ambiental das áreas de preservação para a instalação de parques nas suas margens.

Fonte: Larissa Godoy, 2020.

Diferentes tipologias de praças e parques indicam que novos usos constroem novas espacialidades nas regiões centrais e periféricas (Figura 6). Muitas áreas sem intervenção projetual foram aos poucos ganhando uma nova estrutura física, transformando a relação de uso e apropriação pela população. Inúmeras pistas de skate, quadras esportivas e espaços para oficinas culturais demonstram a vitalidade de muitos espaços livres, com um novo perfil de usuário, mais focado nas diferentes necessidades de uma sociedade em constante transformação. Es-

ses espaços definem bem o que Queiroga (2002) definiu pracialidades, dando uma condição de praças a diferentes espaços da cidade.

Cada período evolutivo marcou a transformação da paisagem, identificadas e analisadas para compreender como os espaços livres foram se moldando a cada transformação do tecido urbano, verificando ao longo do processo de transformação urbana, a construção de distintas espacialidades. O estudo da morfogênese urbana auxiliou na análise temporal que identificou os diferentes processos de constituição do tecido urbano, e a partir da análise histórico-geográfica, pode-se identificar os principais processos de transformação da paisagem, resultando na sua atual e dinâmica configuração.

78

Conclusões

Duas questões centrais podem ser apontadas como suporte de estudos sobre os espaços livres e morfogênese. A primeira diz respeito a compreensão do sistema como processo que se constitui ao longo dos anos e incorpora novos padrões morfológicos com o desenvolvimento do espaço urbano e da sociedade contemporânea. A segunda diz respeito às características dos espaços livres em cidades médias, que formam um conjunto importante de cidades na rede urbana brasileira.

O estudo dos espaços livres apresenta uma possibilidade de entendimento da forma urbana, relacionando suas distintas tipologias espaciais à estrutura de cidades, e configuram um importante mosaico de diferentes tamanhos, formatos e características. A praça ainda apresenta um importante significado dentro dessa estrutura e organiza parte do tecido urbano. Muitas praças centrais, de caráter histórico e social, ainda são o palco do cotidiano de parte de seus habitantes enquanto que, nos bairros, sejam pericentrais ou periféricos, apresentam diferentes usos, porém fundamentais para esfera pública de sua sociedade. Poucos parques se destacam na paisagem, porém igualmente importantes, por representarem uma tentativa de conexão com algumas reservas naturais das cidades e que permitem novas opções de lazer a essa sociedade.

79

Outro fator percebido e analisado diz respeito aos agentes produtores dos espaços livres urbanos. Na atualidade, a sociedade civil organizada, agentes privados, ligados principalmente às principais forças econômicas da região, e o poder público, se alteram na produção de diferentes tipos de espaços livres urbanos. Desde a criação de parques, a adoção de jardins e a compensação ambiental, a cidade se redesenha por novos agentes que se destacam no processo de transformação do espaço urbano.

A metodologia que visa investigar a gênese das cidades através dos espaços livres se mostrou eficaz na análise

sobre questões relacionadas ao espaço produzido, ao longo do tempo, e como o sistema se configurou e está se transformando. Os sistemas estão se moldando a uma nova realidade urbana, onde a esfera pública retoma sua importância junto à sociedade, e reivindica novas espacialidades com qualidade, para o uso coletivo, para uma sociedade que busca novas alternativas de se conectar com as diferenças e com as possibilidades que o espaço livre permite e induz, formando assim um sistema dinâmico e com novas perspectivas de configuração e apropriação.

Referências

80

AMORIM FILHO, Osvaldo B. **A Morfologia das cidades médias**. Goiânia; Ed. Vieira. 2005.

AMORIM, Nayara Cristina Rosa. **O sistema de espaços livres na forma urbana de Patos de Minas**. Dissertação de mestrado. Uberlândia, 2015

BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo. Investigação em morfogênese urbana, enquanto factor de produção e promoção patrimonial. **FORUM**, 2003.

COSTA, S. de A. Pereira e NETTO, M. M. G. **Fundamentos de morfologia urbana**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

DEÁK, C; SCHIFFER, S. T. R. **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1999.

GODOY, Larissa Riza Carvalho. **Análise da qualidade do projeto e a percepção dos usuários do Parque Linear do Córrego do Óleo**. Dissertação de mestrado PPGAU-UFU, 2020.

HOLANDA, Frederico de. **O espaço de exceção**. Brasília: Editora da UnB, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Portal cidades@**. Brasília, 2021.

KRAFTA, Romulo. **Notas de aula de morfologia urbana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

KROPF, Karl. Ambiguity in the definition of built form. **Urban Morphology** 18, 41-57, 2014.

KROPF, Karl. Aspects of urban form. **Urban Morphology** 13, 105-20, 2009

LAMAS, José. Manuel R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

MACEDO, S. S. Espaços Livres. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 7, p. 15-56, 1995

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Espaço livre: objeto de trabalho, **Paisagem e Ambiente: ensaios** nº 21. São Paulo, 2006. p.175-197.

MARSHALL, Stephen. A symbolic articulation of morpho-

logical structure. *Urban Morphology*, 2014.

QUEIROGA, E. A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

QUEIROGA, E. F. e BENFATTI, D. Sistemas de espaços livres urbanos: construindo um referencial teórico. **Paisagem Ambiente: ensaios** n. 24, p. 81 - 88. São Paulo: 2007.

SILVA, Jonathas Magalhães. Unidades de Paisagem e o estudo da forma urbana: reflexões sobre suas contribuições para o campo disciplinar da arquitetura e urbanismo. **Anais do VII COLÓQUIO QUAPÁ-SEL, 2012, Campo Grande (MS)**, Brasil, 2012.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Para pensar as pequenas e as médias cidades brasileiras**. 1. ed. Belém: FASE e UFPA, 2009. v. 1. 57p.

UBERLÂNDIA. Lei Complementar Nº 632 de 12/2017 – Parcelamento do Solo do Município de Uberlândia e seus Distritos. PMU, 2017

MARSHALL, Stephen. Science, pseudo-science and urban design. *Urban Design Int* 17, 2012, p. 257–271

VALE, M. M. B. T.; CUNHA, J. F. As praças na conformação das cidades de Uberlândia e Araxá: do início do Século XIX a meados do Século XX. **Horizonte Científico**, v. 10, p. PDF-30, 2016.

Agradecimentos

Agradecemos à FAPEMIG pelo auxílio financeiro para a execução da pesquisa.